



9º CONGRESSO INTERNACIONAL DE GEOGRAFIAS CRÍTICAS

"Territorialidades em resistência ao extrativismo:
geografias de baixo e para a esquerda"

CIDADE DO MÉXICO, 23-29 DE OUTUBRO DE 2023

Em 1997, Graciela Uribe e Neil Smith organizaram a Primeira Conferência Internacional de Geografia Crítica em Vancouver, Canadá. Seu objetivo era criar um espaço de reflexão crítica, internacionalista e pluralista, um coletivo internacional que articulasse um processo permanente de reflexão teórica e política a partir de diferentes geografias críticas, de diversas coordenadas. Neste nono congresso, na América Latina, queremos honrar o esforço, bem como as trajetórias acadêmicas e políticas das pessoas que promoveram este espaço para geografias críticas em nível global.

No início, o objetivo estabelecido parecia grande e difícil de ser realizado, não apenas por causa das barreiras geográficas e distâncias, mas, acima de tudo, em função das diferenças de idiomas e da dificuldade nos diálogos entre diferentes perspectivas teóricas e abordagens regionais. Diante disto, nesta chamada queremos recuperar essa iniciativa e, portanto, convidamos para um diálogo plural entre as geografias radicais do norte global e as geografias críticas do sul profundo. E que melhor lugar para fazer isso do que no México, um lugar de transição e uma fronteira tripla entre os Estados Unidos, América Latina e Caribe.

Continuando com nosso trabalho de organização, nesta segunda circular gostaríamos, antes de tudo, de fazer uma correção nas datas de nosso evento, que será realizado de 23 a 29 DE OUTUBRO DE 2023, integrando as participações nas seguintes

EIXOS DE DISCUSSÃO E APRENDIZAGEM:

1. Migração, deslocamento forçado e (des)construção de fronteiras

A mobilidade humana tem sido historicamente analisada do ponto de vista econômico, social e cultural, mas também do ponto de vista da segurança. As fronteiras entre Estados, longe de desaparecer com a globalização, foram reforçadas e desempenharam um papel estratégico no cenário internacional e nos fluxos migratórios contemporâneos. Hoje, a migração mista (migração econômica e migração forçada) é mais visível, dada a magnitude dos deslocamentos forçados que acompanham as rotas históricas dos fluxos migratórios. Este eixo nos convida a refletir sobre este problema social a partir de uma perspectiva teórica e metodológica, mas também a partir de uma perspectiva histórica e política.

*A explicação desenvolvida em torno da razão do título e do uso mais amplo e complexo do conceito de "extrativismo" (que vai além do tradicional e está exclusivamente relacionado a matérias-primas e recursos naturais) pode ser encontrada na primeira circular publicada no site do evento: <http://iccg2023.org/>

2. Movimentos em defesa do território, projetos de autonomia, geografias para a paz e os direitos humanos

Este eixo aborda diferentes aspectos de luta dos movimentos em defesa do território, da vida e daqueles que visam construir autonomias contra-hegemônicas. Estamos interessados em problematizar e compartilhar abordagens teóricas, metodológicas, políticas e experiências, situadas em cada território e a partir de cada formação social, em torno dessas lutas, movimentos e projetos autônomos no horizonte dos Direitos Humanos e dos estudos de paz em geral. Mas, sobretudo, a partir das diferentes propostas que surgiram em relação às geografias para a paz e direitos sócio-territoriais em contextos de violência armada e desarmada, em processos de militarização e paramilitarização ou outros conflitos sociais.

3. (In)Justiça sócio-espacial e desenvolvimento desigual diante dos megaprojetos e realidades urbanas

Os modelos territoriais impostos pelo capitalismo são processos baseados em um desenvolvimento geográfico desigual, que resulta em injustiça sócio-espacial em múltiplas escalas (tanto no espaço interno das cidades como nos territórios com os quais estão relacionadas por energia, demografia, política, econômica, etc.). Neste eixo, buscamos iluminar os impactos sofridos pelas comunidades expostas à injustiça da urbanização neoliberal, bem como as estratégias de resistência dessas comunidades diante de megaprojetos ou outras dinâmicas de desapropriação e apropriação desigual de recursos.

4. Contra-cartografia, corpocartografia e outras cartografias expandidas

A cartografia como linguagem de expressão e representação espacial nos permite explorar e revelar múltiplas territorialidades, propondo narrativas contra-hegemônicas, assim como uma análise dos territórios e seus atores que colocam em jogo diferentes dimensões da experiência do espaço. Neste sentido, o corpo e a corporeidade são revelados como categorias espaciais atravessadas social, cultural, ambiental e politicamente; eles incorporam experiências espaciais e são, portanto, constantemente transformados por suas cartografias móveis. Convida-se a participar com pesquisas e reflexões que, a partir da linguagem da cartografia, dêem conta das diferentes escalas em que o modelo extrativista é evidente, bem como das resistências igualmente multiescalares que estão sendo construídas em face dele.

5. Crisis climática, ecopolítica, (in)justicias ambientales y territorialidades no humanas

A evidente deterioração do planeta, como consequência das ações humanas e exacerbada pelo modelo extrativista, levou a uma compreensão mais profunda da Terra como uma entidade complexa. Assim, novas perspectivas nos convocam a abandonar e questionar a postura antropocêntrica e, ao mesmo tempo, a assumir maior responsabilidade pelo futuro do planeta, a observar as desigualdades territoriais geradas pelas relações de poder e os interesses econômicos exercidos sobre o meio ambiente. Este eixo integra trabalhos que destacam estruturas e relações de poder responsáveis pela crise climática, bem como suas consequências, ou que propõem alternativas ao futuro que nos permitam ter uma melhor relação com a Terra e transformar a realidade ambiental atual.

6. Feminismos, gênero, corpos e sexualidades

As geografias feministas tornaram visíveis as desigualdades vividas por mulheres e meninas em face da discriminação, da violência masculina e das estruturas patriarcais. Também integram as geografias de gênero e sexualidades que ampliam o olhar crítico da dissidência, em busca de territórios afetivos e direitos para todas as formas de ser e habitar o mundo. É a partir do corpo que as lutas são enquadradas e uma multiplicidade de identidades sexuais e performativas em resistência são posicionadas. Os feminismos comunitários e descoloniais teceram uma base teórica para a política de cura através do território-corpo. Entendendo o corpo como um território histórico, significativo e ligado à teia da vida, propõe-se a defesa dos territórios a partir do cuidado coletivo.

7. Geografias do racismo e da racialização, conflitos inter-étnicos e paisagens variegadas

Neste eixo procuramos colocar no centro da discussão as muitas genealogias que compõem o pensamento e a luta anti-racista e anti-colonial em Abya Yala e em outras regiões do planeta. Os objetivos são: estabelecer diálogos com lutas contra o racismo estrutural em outras partes do mundo, com ênfase particular no 'Sul Global', compartilhar ferramentas teóricas e analíticas e gerar espaços de intervenção prática para construir mundos diferentes, bem como considerar a perspectiva anti-racista para mobilizar análises intersetoriais de nossas complexas realidades. O objetivo é incorporar trabalhos que analisem criticamente o racismo ambiental, estrutural e sistêmico, a despossessão de populações racializadas e as histórias de luta contra os sistemas globais de opressão. Será dada prioridade ao trabalho de estudiosos e/ou ativistas tradicionalmente marginalizados pela academia: povos indígenas, afro-descendentes, negros e outros grupos racializados tanto no Norte como no Sul do mundo.

8. Ensino-aprendizagem, geopedagogias e didática descolonial

Neste eixo procuramos compartilhar e trocar ideias, conhecimentos e saberes que, através de propostas didáticas e da implementação de ferramentas e estratégias de ensino-aprendizagem alternativas e interdisciplinares, permitirão que tanto estudantes quanto professores se tornem sujeitos ativos na transformação de sua realidade social e geográfica a partir de uma postura crítica, descolonial e libertadora. Também, como ponto de discussão a ser desenvolvido para este eixo, acreditamos que é necessário dar importância à forma como a Geografia é ensinada e como conhecimentos geográficos são ensinados e aprendidos em diferentes contextos sociais e níveis educacionais, bem como na educação não-formal e na educação popular.

9. (Contra)geopolítica da América Latina e do Caribe: diálogos entre os hemisférios sul e norte

O Sistema Mundial, como categoria que nos permite analisar a expressão espacial do poder exercido por territórios historicamente hegemônicos, foi integrado em uma transformação epistemológica emergente na América Latina e no Caribe. Foram feitas contribuições relevantes nesta região para compreender o papel que o modelo extrativista desempenha neste sentido, propondo paradigmas que desconstruem a colonialidade e oferecem alternativas. Convida-se a participar deste diálogo entre o sul global e o norte global com trabalhos que se concentram nas tensões, conflitos, hegemonias e contra-hegemonias que são geradas nos territórios em disputa.

10. Artivismos e práticas territoriais das artes

Consideramos a dança, o teatro, a música, as artes visuais e a literatura como práticas e representações territoriais que têm um discurso político poderoso tanto para a resistência quanto para a transformação social. Além disso, além de serem expressões culturais, são veículos para a construção da paz, pois promovem canais de comunicação e pontos de encontro em meio a divergências e tensões territoriais. As artes também se apresentam ao mundo como uma gama de possibilidades de autodefesa, pois têm o poder de resistir e proteger as identidades vulneráveis em zonas de conflito. Através de ações artísticas, outras formas de construir e habitar territórios fragmentados e esquecidos reaparecem. Portanto, a arte é um instrumento político de reivindicação territorial e de identidade, uma ferramenta de ação para o ativismo, que se fundem e definem o ativismo. Neste eixo, convida-se a compartilhar e fazer geografia de e no ativismo, como uma metodologia de ação e de pesquisa comunitária.

11. Espaços de participação, realidade virtual e novas tecnologias

A globalização do conteúdo e a universalização do acesso à Internet e às novas tecnologias, juntamente com sua facilidade de uso, tornaram possível incorporar ferramentas inovadoras para a ação social e a transformação. O acesso aos dados e a velocidade do fluxo de informações que estes instrumentos permitem, fazem deles importantes amplificadores das metodologias participativas. Convida-se para propostas e experiências que respondam aos desafios, escopo e limitações do uso de instrumentos tecnológicos para o fortalecimento ou visibilização de territórios e seus coletivos que resistem e lutam contra a despossessão e o extrativismo.

MODALIDADES DE PARTICIPAÇÃO

Para dar continuidade à abertura que esteve presente nas edições anteriores, bem como para buscar diferentes formas de participação e garantir o intercâmbio de conhecimentos, as modalidades serão as seguintes:

1. Coordenação de um grupo de trabalho

Duas a três pessoas que apresentem uma proposta para um grupo de trabalho ou painel no devido tempo e forma. Caso seja aprovado pelo comitê organizador, ele será responsável pela avaliação das propostas de trabalhos que chegarem a seu grupo de trabalho, de acordo com os critérios de originalidade e relação com uma das principais linhas de trabalho do evento. O mesmo critério será utilizado pelo comitê organizador para aprovar as propostas recebidas para grupos de trabalho.

2. Expositor/a (apresentador/a) num grupo de trabalho

Pessoa ou pessoas que se apresentem em tempo oportuno e façam uma proposta de trabalho para um dos grupos de trabalho do evento. Eles devem pensar em uma apresentação de aproximadamente 15 minutos, dentro de uma sessão apresentada e moderada pela coordenação da mesa redonda, que incluirá uma parte final do debate, com um tempo total de duas horas. As apresentações serão aprovadas pela coordenação das mesas de trabalho de acordo com os critérios de originalidade e relação com um dos eixos de trabalho do evento.



3. Facilitador/a de oficina

Pessoa ou grupo que apresentem uma proposta de workshop em tempo e forma, que é aprovada pelo comitê organizador do evento. Os critérios de elegibilidade considerarão sua originalidade e relação com alguns dos eixos de trabalho do evento, bem como a viabilidade de ser realizado em um período de 2 ou 3 horas no máximo, e nos espaços disponíveis. O comitê organizador será responsável pelo fornecimento de um kit básico de materiais para a sua realização.

4. Organização de uma saída de campo (na CDMX ou áreas circunvizinhas)

Pessoa ou grupo para organizar e coordenar uma saída de campo, seja a um bairro ou local na Cidade do México, ou a uma comunidade próxima, onde um dos eixos de discussão é expresso, como uma luta em defesa do território, um espaço de resistência, um projeto de autogestão ou outro. Serão considerados critérios de relevância para os temas do Congresso, bem como a viabilidade em termos de logística de transporte e do próprio evento.

5. Participante com filme para cinedebate

Pessoa ou grupo que proponham material cinematográfico (curta, média ou longa-metragem), seja ficção, documentário ou docuficção, cujo tema está relacionado aos eixos temáticos do evento e pode levar a discussões que enriquecem o aprendizado coletivo. Cada pessoa ou grupo pode apresentar apenas uma peça de material, que deve ser acessível ao público, ou ter permissão para reproduzi-la. Espera-se também que, como parte da proposta, sejam incluídas as perguntas orientadoras para o debate ou a dinâmica através da qual a reflexão será incentivada.

6. Participante com proposta de material gráfico e/ou plástico para exposição

Pessoa ou pessoas que apresentem no devido tempo e formam uma proposta gráfica e/ou plástica, seja cartográfica, infográfica, de composição fotográfica ou similar, e que é avaliada positivamente pelo comitê organizador em termos de sua relevância para o tema do congresso, assim como sua qualidade visual, originalidade e criatividade. Os trabalhos aceitos devem ser levados ao local do evento por seus proponentes e serão apresentados no momento designado para este fim pelo comitê organizador.

Haverá também espaço para apresentações de livros. Informações mais detalhadas serão fornecidas na próxima chamada.

¡ATENCIÓN! O prazo para a apresentação de propostas de GRUPOS DE TRABALHO E APRENDIZAGEM é segunda-feira, 12 de dezembro de 2022. Para participar nesta modalidade, favor de preencher o seguinte formulário e enviá-lo antes da data: : <https://forms.gle/fRbGs8ajnRXG8ZS1A>

Dado que las fechas de las demás modalidades son más amplias, las convocatorias específicas serán publicadas en los siguientes comunicados.

Como as datas para as outras modalidades são mais longas, os convites específicos para apresentação de propostas serão publicados nos seguintes comunicados.

BOLSAS DE ESTUDO E VISTOS

A fim de proporcionar oportunidades de participação mais inclusivas no congresso, gostaríamos de apresentar um ponto importante, do qual mais detalhes serão dados posteriormente, relacionado às bolsas de estudo oferecidas pelo comitê.

Estamos cientes dos altos custos de viajar a longas distâncias, mas, ao mesmo tempo, valorizamos muito os encontros presenciais. Portanto, além de possibilitar a apresentação de documentos à distância, gostaríamos de fornecer apoio financeiro àqueles que mais necessitam, para facilitar suas viagens ao México. Infelizmente, nem todas as pessoas interessadas poderão receber uma ajuda de custo, pois nosso orçamento é limitado. A fim de selecionar os candidatos, várias questões serão levadas em consideração, tais como seu local de origem, a necessidade de visibilidade de seu processo, sua situação socioeconômica ou sua participação em coletivos e movimentos sociais, entre outros. Um estudo de cada caso será realizado a fim de fornecer uma resposta personalizada a cada necessidade. Em breve forneceremos mais informações sobre os apoios disponíveis e uma indicação das despesas elegíveis.

Finalmente, atentem-se ao fato de que o governo mexicano tornou obrigatório para algumas pessoas de certos países da América Latina e de outras regiões a obtenção de um visto para entrar no país, portanto é muito importante que você verifique o status atual dos requisitos para entrar no México. Estas informações estão em constante mudança e atualização devido a vários fatores políticos (e ainda mais nos dias de hoje). Por estas razões, recomendamos que você permaneça vigilante e não hesite em nos contatar com qualquer dúvida, assistência ou orientação que possa precisar.

Convidamos vocês a se manter atualizado através de **nosso site:** <http://iccg2023.org> em nossas redes sociais (FB, Twitter e Instagram ficarão prontos nos próximos dias). Gostaríamos também de lembrar-lhes de nosso endereço de e-mail para quaisquer perguntas que você possa ter: int.criticalgeo.mx2023@gmail.com

Esperamos encontrar-lhes em breve

Comitê Organizador Interno do 9ICCG-México 2023

Valeria Ysunza (GeoBrujas-Comunidad de Geógrafas/Instituto de Geografía para la paz [IGP-Geopaz])

Aritz Tutor Anton (UPV-EHU; Espais Crítics)

Daniel P. Gámez (University of British Columbia)

Eduard Montesinos Ciuró (Universitat de Barcelona/U. de Sevilla; IGP-Geopaz)

Emiliano Ignacio Díaz Carnero (El Colegio de la Frontera Norte [El Colef]; [IGP-Geopaz])

Francys Cárdenas Ferrucho (Universidad Pedagógica Nacional/Universidad Externado de Colombia; IGP-GeoPaz)

Gabriela Fenner S. (GeoBrujas-Comunidad de Geógrafas)

Iván Martínez Zazueta (Posgrado en Geografía, UNAM)

Karla Helena Guzmán Velázquez (GeoBrujas-Comunidad de Geógrafas)

Rubén Galicia Castillo (Geógrafo Independiente)